

O Aprendizado da Escuta Sensível: um gesto de gentileza

Ana Maria Ramos Sanchez Varella
<http://lattes.cnpq.br/9470675519276604>

O desenvolvimento da escuta sensível não é um processo rápido, requer estudo, paciência, aprendizado, desprendimento, é o prestar atenção nas pessoas, deixá-las se expressar livremente. Essa escuta mais afinada, permitiu-me valorizar e respeitar as histórias de vida que ouvi e que ouço há anos, quando desenvolvo com os alunos do Pós-graduação, o projeto de Memoriais. É uma experiência única, porque além de mexer com a individualidade dos estudantes, a aproximação familiar se faz presente. É o momento das conversas em família, é a busca de fotos para compor as etapas do trabalho. Todos participam.

Em meu caminho de pesquisadora já havia exercitado essa tarefa de prestar atenção ao não dito das pessoas. É uma habilidade que deve ser construída, refinada, captada. Tudo depende de um movimento e o tempo aos poucos nos preenche com esclarecimentos e nos torna mais acessíveis para respeitar o caminhar do outro.

O romancista Mc Cann mencionou em uma entrevista que o escritor deve se abolir e interessar-se pelo outro. Segundo ele, escrever é um ato solitário e é preciso abraçar a solidão. Não concordo quando ele afirma que é necessário nesse processo destruir parte de você. Eu prefiro fazer parte das histórias, ouvir o outro, mas não deixar de sentir as emoções.

Ele destaca também que as pessoas querem contar suas histórias, mas que no início das conversas são muito fantasiosas, somente o tempo de convivência é que trará à tona uma possibilidade de narrativa sem arrogância e medo.

O que me chamou a atenção plenamente em sua entrevista é sua posição diante dos horrores das tragédias. Ele declarou que se tomarmos conhecimento de toda a crueldade, do tormento e do luto que nos cercam é fácil ficarmos paralisados, porém, os espaços de dor devem ser preenchidos, quem escreve deve ter em si a força do otimismo.

Talvez por isso que me sinto muito à vontade para não temer prestar atenção nas pessoas, nas suas dificuldades, nas suas dores, registrá-las, porque com esse movimento eu aprendo, torno-

me melhor, mais serena, mais humana, mesmo que também mais sofrida, mas aprendo a conviver melhor e a respeitar as dores e os estágios das pessoas.

O que me move é a paixão pela escrita e por ajudar as pessoas a tornarem suas vidas melhores. Por isso tenho me dedicado a ouvir sem reservas, coloco minha escrita à disposição das pessoas e fazemos o trajeto pelas lembranças e quem sabe pela busca de uma nova pulsão de vida, é claro.

Muitas das histórias ouvidas foram captadas com minha escuta sensível e analisadas por meu olhar de observadora. À medida que ouvia, estava me tornando mais sensível, gostava de estar atenta a tudo o que percebia ou ouvia. As pessoas sentem o que busco e essa percepção levou-me a me despir de preconceitos. Quando abri meus canais sensíveis não desperdicei essa chance de aprendizado. As histórias têm sua riqueza, as pessoas desabafam suas marcas de dor e recuperação, resiliência. Falam de perdas em todos os seus aspectos físicos e emocionais. Conviver com perdas requer esforço, reeducação, vontade de mudar, de transformar, de experimentar, de seguir, de resistir, de movimentar-se para o novo, principalmente aprender a conviver com o inevitável.

O recado da vida é a sublime sabedoria de retirar até mesmo da inconveniência o aprendizado para ressignificar-se? Ouvi depoimentos surpreendentes de recuperação e entendimento. Percebi que conhecer suas histórias e relatá-las poderia ajudar a se recuperarem de seus dramas e dores.

Além disso, rever suas histórias seria um exercício de deslocamento para reavaliar seus caminhos. Os lutos, as perdas, o que são, como vivenciá-los, como superá-los, essas foram minhas perguntas iniciais.

Ao me colocar aberta aos contatos, muitas pessoas se interessaram em contar-me suas histórias. Seria apenas mais um trabalho de pesquisa, de observação, de contatos e narrativas que talvez não contribuíssem tanto.

Essa era minha angústia inicial. O que fazer com tudo que havia escutado?

Essas experiências me levaram a desenvolver, na universidade, em um curso de pós-graduação, em São Paulo, uma disciplina sobre histórias de vida e construção de Memoriais circunstanciais.

Os estudantes gentilmente compartilham suas histórias comigo e me permitem fazer parte do que escrevem, seus tesouros escondidos.

Ouso afirmar que quando um estudante revisita sua história nos memoriais, tenho a preocupação de acompanhá-los com calma e paciência para que nessa exploração interna eles estejam preparados para escrever ou lembrar de fatos que servirão para uma reflexão construtiva.

Agradecem no final a sensibilidade de minha escuta sensível para com eles. E eu, emocionada posso afirmar que tenho tido oportunidades únicas de exercitar a importância da palavra gentileza. Ouvi-los, ler seus escritos, é poder exercitar esse processo interdisciplinar.

Com esse projeto exercito a gentileza de reconhecer a fraqueza do outro e sou convidada a compreender a importância do amparo, da bondade que une as pessoas, para que juntos possamos aprender a grande lição da vida, que é vivenciar o amor em todos os seus aspectos: nos atos, nos tratos, nos abraços, nos afetos...

Vamos resgatar o que há de melhor em nós,
Gentileza da palavra, do gesto, do toque,
Gentileza com as intuições, nas manifestações, nas sensações, no trato, no ato, no abraço,
Gentileza na vida e para a vida?
E a gentileza para uma educação transformadora?

Precisamos mais do que boa vontade na educação. Orientação, exemplos, gentilezas, poderão ser elementos transformadores em nossa sociedade tão carente de um remédio que realmente faça efeito.

Uma Educação transformadora exige uma vida transformada, revista, recomposta, construída, reavaliada, mas acima de tudo com uma volta profunda aos valores esquecidos, apagados, é o resgate de gentilezas, de cuidados, de reconhecimentos. Para que haja transformação será necessário que as pessoas se movimentem e queiram ter autonomia para chegar a uma

transformação. Ela virá dos que estão responsáveis por cuidar, sejam pais, professores, Instituição. Não há culpados, há os que precisam se conscientizar para valorizar, há os que precisam se rever, ter cuidados consigo e com o outro. Deixar de fazer, agir sem pensar, esquecer um pouco o que são apenas retornos momentâneos.

O convite aqui exposto é que se tenha um tempo para que nossa essência seja revelada, que possamos ter condições de nos olhar, de nos reconhecer, para que o compartilhar seja rodeado de respeito, de sintonia, de amorosidade.

Somente a partir dessa vontade individual se processará a vontade do aprender, do reaprender, para que todos possam ser revelados e se revelar...

É a chance de pensar que do ser ao fazer se completa a fase de um caminho transformador para a humanidade.